

## O que sinto pela música

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. O que sinto pela música. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 132-135. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# O que sinto pela música

Quem saberia dizer realmente o que sente ao ouvir música? As pessoas em geral não sabem falar com qualquer precisão sobre esse assunto. É algo do tipo comichão na barriga? Reboição no corpo? É descarga de líquido invisível que dá uma sensação de capacidade de pular e de voar?

É uma sensação de estar pairando acima do terreno da vida comum? Uma sensação de ampliação dos poderes humanos? Uma sensação de paz absoluta e meditativa? Uma sensação de que tudo se encaixa?

Afinal, gostar de uma música significa gostar de quê mesmo? Do que se sente, ouvindo-a? E porque a linguagem disponível para tanto é tão rarefeita e imprecisa?

Pergunto a Iracy: qual a música que você mais gosta de ouvir? Roberto, diz ela. E o que você sente quando ouve essa música? Eu choro. E por quê? De alegria. E como é essa alegria? É emoção. E por que você sente essa emoção? Porque eu me lembro de coisas antigas...

Para Fabrício, a música coloca em movimento uma espécie de narrativa, onde ele (ouvinte) é personagem principal, “assim como se fosse uma saga”.

Lembro claramente de quando conheci o Concerto de Brandemburgo n. 3 de Bach, aos doze anos. O que sinto na presença dessa música é de uma intensidade intensa (a linguagem já começa a faltar). Parece que estou descobrindo um mundo que não sabia possí-

vel, onde doravante gostaria de habitar – é um mundo de euforia e de ritmo.

Já pensou nisso, morar no universo de uma determinada música ou canção? A música coral da África do Sul (que só conheci adulto) tem um poder especial sobre mim. Basta ouvir e já estou emocionadíssimo, sem ter a menor ideia de por quê...?!!! Que é que é isso?

Certa vez ouvia um Trio de Brahms (aquele com clarineta), enquanto minha secretária, a Sra. Neusa, fazia faxina na sala. Instada a comentar o que sentia, e depois de resistir bastante, acabou dizendo: ‘parece que essa música está agourando a gente...’. Dois dias depois recebi um comunicado internacional sobre a realização de um simpósio sobre Brahms e a melancolia. Neusa estava certa.

Essa emoção ou des-emoção nos fala de outro viés: a música tendo o poder de ‘agourar’, de desejar mal, e de praticamente ‘fazer mal’ a quem a ouve. Obviamente, o lado do ‘fazer bem’ ocupa a maior parte da cena. As pessoas buscam um bem na música que gostam, mesmo que seja o hormônio oxitocina.

A emoção e a música se encontram e se desencontram ao longo dos séculos. Antes da ciência, quando o mundo era encantado, a música atuava como comprovante dessa ligação entre todos os seres e o cosmos. Há relatos (talvez fantasiosos) de gente desmaiando ao ouvir as primeiras criações polifônicas (várias vozes distintas cantando juntas), lá pelo século X.

A partir do desencantamento do mundo, e com a supremacia da razão instrumental, foi absolutamente necessário inventar a ópera – uma espécie de garantia da possibilidade de encantamento pelo som, em cima do palco.

Ao longo dos séculos, a voz permaneceu exercendo o papel desse santuário de adoração do encantamento da música. Mesmo que a ciência e tecnologia dominem tudo, restará a voz e a emoção que desperta...

A partir do século XVIII, a música instrumental começa a ser objeto de um discurso que a distingue e coloca como ‘música pura’, música mais elevada que as outras. E é o que ouvimos até hoje em sinfonias e quartetos e celebramos em gênios como Beethoven e Schönberg.

Mas agora, nas últimas décadas, a emoção foi singularizada como objeto preferencial de pesquisa em música. O terreno das emoções é ruim de pesquisa. Foi mais fácil construir a psicanálise do que levar a emoção ao laboratório. E, como sabemos, a construção da psicanálise não torna as coisas mais fáceis para os espíritos quantitativos. A ideia de inconsciente mostra que o quadro da existência humana é deveras complexo. Mesmo assim, ninguém quer desistir de entender e quiçá controlar as emoções – as pílulas e os mercados se multiplicam.

A mesma lentidão vale para o terreno de pesquisa que pretende unir “música e emoção”. A pesquisa da cognição musical avançou bastante em áreas como a percepção e mesmo performance. Por exemplo, contamos hoje com modelos bem mais sofisticados para o entendimento dos processos rítmicos. Mas a pesquisa cognitiva quase nunca quer se associar à empreitada da emoção.

Há também um alerta histórico disparado contra o poder alienante da emoção em música. A emoção musical como grande mercadoria dos nossos tempos, como mola propulsora da indústria cultural e, portanto, como território do mal, capitalista, behaviorista, fascista, entre outros. O que diria Adorno?

Mas hoje há maneiras de “enxergar” o cérebro fazendo seu nobre trabalho. Há inclusive uma teoria, segundo a qual a música contrastaria com redes neuronais próprias, não compartilhadas por outras atividades, tais como a linguagem.

Se tal for o caso, ganha força a hipótese de uma realidade biológica (herdada) para a música – independentemente da inserção

social e cultural. Cresce o interesse pelo estudo de casos de amusia – dificuldades congênitas ou adquiridas com relação à música –, pois eles permitem avançar no entendimento dessa base neurológica de suporte à atividade musical.

Vamos ver no que é que dá. Quais as áreas do cérebro que sentem e como sentem. O que diz a neuromusicologia sobre o assunto?